

Agricultura brasileira: ré ou vítima nas emissões de CO₂?

Qual a contribuição do Brasil para o efeito estufa pela emissão de gás carbônico na atmosfera terrestre?

Acusado de ser um grande emissor, o Brasil está entre os que menos contribuem com o fenômeno, segundo a Energy Information Administration dos EUA e o Balanço Energético Nacional.

Em termos absolutos, o mundo emitiu 31,5 bilhões de toneladas de CO₂ de origem fóssil em 2008. A China respondeu por 21% das emissões mundiais, seguida pelos Estados Unidos (19%), Rússia (5,5%), Índia (4,8%) e Japão (3,9%). Esses cinco países representam 53,4% das emissões planetárias. O Brasil ficou em 17º lugar (1,4%), bem atrás da Alemanha, Canadá, Inglaterra, Irã, Itália, África do Sul, Austrália, México, Indonésia e outros.

A Austrália e os Estados Unidos são líderes da emissão de CO₂ por habitante/ano: 20,3 e 19,9 toneladas e só perdem para alguns países produtores de petróleo como Qatar (74 t) ou Emirados Árabes (43 t). Em seguida vêm o Canadá (17,9 t), a Holanda (17 t), a Estônia (16 t), a Bélgica (14,9 t) e a Rússia (11,7 t). Com 17 t, a Holanda é uma das campeãs europeias das emissões. E o Brasil?

Cada brasileiro emite 2,1 toneladas de CO₂ por ano. Não basta plantar apenas duas ou três árvores por pessoa para retirar esse carbono da atmosfera. Mas emitimos dez vezes menos do que australianos e norte-americanos, quatro vezes menos do que os europeus e metade da média mundial. Ocupamos a posição de 86º no mundo, muito atrás de muita gente.

O quociente entre o total de toneladas de CO₂ emitidas por um país e seu Produto Interno Bruto (PIB) dá uma medida da eficiência energética e ambiental das economias nacionais na geração de riquezas. *Grosso modo*, quanto mais eficiente o país, menor o número. Dada a variação da cotação do dólar entre países, o PIB foi

calculado em função do poder de compra das moedas nacionais, o chamado Purchasing Power Parities (PPP).

Os campeões de emissões de CO₂ para gerar riquezas são Coreia do Sul (1,45), África do Sul (1,38), Cuba (1,34) e Ucrânia (1,2). O Brasil, com um quociente de 0,24 é mais eficiente do que uma centena de países no mundo: ocupamos a 104ª posição.

Qual seria a posição do Brasil entre os emissores de CO₂, caso às emissões de origem fóssil fossem agregadas as resultantes dos desmatamentos e queimadas? Quem afirma que o Brasil ocuparia o quarto lugar é no mínimo desonesto. Ninguém sabe exatamente essa posição, por duas razões:

Em primeiro lugar, o país não dispõe de uma avaliação criteriosa do total de CO₂ emitido anualmente como resultado de desmatamentos. O único Inventário Brasileiro de Emissões data de 15 anos e apresenta uma dezena de incorreções. Sequer descontou a madeira industrializada das áreas desmatadas, convertendo tudo em fumaça.

Em segundo lugar, o mesmo cálculo deve ser realizado pelos outros países do mundo para ser possível comparar. Anualmente incêndios florestais de grandes proporções ocorrem nos EUA, Canadá, Alasca, Rússia, Austrália, países do Mediterrâneo e em diversos outros. A vegetação é muito comburente (pinheiros e resinosos) e tudo vira cinzas. O desmatamento

prossegue em diversos países tropicais e temperados. Acaso esses países agregam essas emissões em seus balanços? Não. Agregar emissões dessa natureza ao cálculo do Brasil e compará-lo com as únicas emissões fósseis dos outros países é uma desonestidade. Sem falar do que eles acumularam no passado.

O que explica o excelente desempenho do Brasil é sua matriz energética: 47% de energia renovável contra uma média mundial inferior a 14%. A agricultura brasileira garante 32,9% dessa energia renovável. Em 2009, segundo o Balanço Energético Nacional, só a cana-de-açúcar, com o etanol e a cogeração de energia elétrica contribui com 18,1% na matriz, mais do que todas hidrelétricas juntas (15,3%). Existe uma vitimização do País e de sua agricultura nesse tema, cultivada aqui e no exterior. O excepcional desempenho energético e ambiental do Brasil e de sua agricultura não é uma licença para aumentar de forma irresponsável as emissões de CO₂, mas nesse tema estamos mais para vítimas do que para réus.

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA

Graduado pelo Institut Supérieur d'Agriculture Rhône Alpes, de Lyon (França)
Mestre e Doutor em Ecologia pela Universidade de Montpellier (França)
Pesquisador da Embrapa Monitoramento por Satélite

